

TENTATIVA DE EXPLICITAÇÃO DE UMA ÉTICA DA NÃO-POTÊNCIA NA SOCIEDADE CIENTÍFICO-TECNOLÓGICA*

Maria da Piedade Eça de ALMEIDA
Instituto de Filosofia – PUCCAMP

Os extraordinários poderes dos meios de nossa civilização se tornam ainda maiores e mais fortes se os contrapusermos à precariedade de seus fins. Essa é uma constatação implacável. Assim, a tendência para a constante exaustão desses meios, produz em nós mesmos, uma sensação de profunda incerteza quanto à possibilidade de futuro de nossa sociedade, sensação essa que condiciona determinadamente o nosso comportamento. Torna-se, então, necessário, o questionamento dessa quota de exaustão e, observa-se que o aumento cada vez maior da produção de bens materiais (uma das características mais marcantes da sociedade científico-tecnológica) não conduz inevitavelmente a uma produção cada vez mais justa e maior de desenvolvimento humano; existe uma disparidade gritante, entre o desenvolvimento material e o desenvolvimento espiritual, esquecendo-se nesta ânsia contínua de ter cada vez mais, da realização o mais plena possível da dignidade humana de **todos** os homens.

Nesta trilha de análise do desenvolvimento observa-se que o progresso da ciência e da técnica não é o bastante para assegurar também e, no mesmo nível, o progresso intelectual, moral do homem e da sociedade; o crescimento e o desenvolvimento da produção de bens materiais, não resolvem milagrosamente os problemas sociais e não se transformam, ou pelo menos não deveriam se transformar, por si sós, em razão de viver.

É evidente, que o desenvolvimento técnico aumentou consideravelmente o poder e as possibilidades do homem, multiplicou os meios à sua disposição e os meios fazem até esquecer os fins, em vista dos quais foram em princípio desenvolvidos: os meios se tornam fins e desaparece completamente o senso dos valores, que nada mais são, do que as noções em torno das quais o homem organiza o mundo e cria cultura, vivendo e constantemente emitindo juízos de valor.

(*) Este artigo é o resumo das principais conclusões da Dissertação de Mestrado, defendida em 26 de junho de 1989, intitulada: "Os Valores Éticos da Sociedade Científico-Tecnológica", no Instituto de Filosofia – PUCCAMP.

Os valores só existem assim encarnados em um sujeito, irrompendo no universo através do homem e, nesta sociedade dita em desenvolvimento, deve-se tentar descobrir o papel desempenhado pela ciência e pela técnica na configuração dos aspectos valorativos desta nova era e, questionar em que medida uma nova civilização tecnológica e um novo tipo humano, o homem tecnológico, se encontram em processo de formação, resultantes da sociedade científico-tecnológica e quais os efeitos que a ciência e a tecnologia acarretam para a eticidade da vida humana¹.

Voltando ao nosso conceito de desenvolvimento técnico-científico, constatamos que se tornou o "imperativo categórico" de nosso tempo e não podemos deixar de refletir seu sentido, seu estabelecimento de prioridades, para que não nos enterremos no pessimismo dos "desiludidos do progresso"². No domínio deste "imperativo categórico" a reflexão e o comportamento não têm tempo de intervir e de adaptar os novos meios criados, aos fins tradicionalmente pretendidos pela humanidade; devemos, então, tentar promover o encontro da dimensão ética do desenvolvimento com a sua dimensão científico-tecnológica, para que se estabeleça um processo de crescimento, que sirva não para o aviltamento do homem, mas, para a sua realização, não visando exclusivamente a acumulação do ter em detrimento da riqueza do ser.

Quando analisamos a técnica e a ciência, características marcantes de nossa sociedade, englobamo-las em um único conceito que denominamos de "tecnociência" e que caracterizamos como o domínio social da sugestão do empreendimento que se costuma chamar de ciência, da qual a técnica constitui como espaço e tempo, o meio natural de desenvolvimento e também o princípio motor, suprimindo por si mesma todos os limites³; o homem obedece primeiro à técnica e em seguida procura justificação ideológica que lhe permita por um lado ter aos olhos de todos uma razão acessível e por outro lado se fornecer uma aparência de liberdade. A ciência em nossos dias tornou-se assim um meio da técnica e projeta-se e absorve-se na técnica e esta formula-se na teoria científica; assim a técnica deve ser compreendida como um instrumento histórico da escatologia da humanidade, mas, não se deve, no entanto, fazer tudo o que a técnica nos torna capazes de fazer... Deve-se evitar que a técnica que desenvolvemos e para a qual trabalhamos intensamente, possa voltar-se contra nós, discutindo para isso os sistemas de valores que orientam nosso comportamento nesta nova sociedade.

A tecnociência adquire, portanto, a capacidade crescente de manipulação, de remodelação da natureza humana e, a sensibilidade ética é uma das dimensões essenciais do homem, é sua parte integrante, natural e cultural, as numerosas formas de manipulação possíveis do homem, correm então o risco de afetar, de alterar ou até mesmo de suprimir esta capacidade ética, o que nos leva, por vezes, a afirmar que a tecnociência é

anti-ética, pois, onde não se pressupõe nem o ser, nem o sentido, onde reina unicamente a potência do possível, não existe mais lugar para os valores⁴.

Esta capacidade extrema de manipulação traduz a dinâmica da potência tecnocientífica e transforma-se no "imperativo técnico" do nosso tempo, este é extremamente "nihilista" na medida em que é não-ético e não-axiológico, identificando-se com o desdobramento da potência (ser e não-ser) que é diferente da ética e está fora da ética; procurando a oposição a este caráter nihilista, não iremos encontrá-la numa dimensão ética diferente, mas, em algo que ultrapasse a consciência moral em geral, que nada mais é que o sentido ético original, situando aqui, unicamente, a probabilidade de nossa pretensão: o encontro ético-tecnocientífico.

Se a tecnociência é, no entanto, uma potência, o centro da renovação ética suscitado por ela é então a renúncia à potência ou, pelo menos, à exploração da potência. Mas, afinal, o que é ser moral, se não se precipitar no conjunto do possível, de colocar livremente os limites da liberdade? Assim, fica determinado e definido que a ética da não potência **não é uma** ética da impotência, da fraqueza, do medo ou da covardia pois, para poder renunciar livremente a alguma coisa é preciso, antes de tudo, gozar da capacidade de a realizar.

Assim a ética da não potência supõe necessariamente a "disponibilidade para" e até mesmo a tentação de realização perfeita da potência, coincide com uma força que nada tem em comum com o poder ou com a potência tecnocientífica propriamente dita. Estabelece-se em outro nível e a relação ético-tecnocientífica deve-se articular sob a distinção da força moral e da potência tecno-científica, sendo solidária, formalmente, com a "renúncia a" que toda a potência deve desenvolver.

Propomos, assim, a renovação ética que é antes de mais nada uma atitude de prudência, expressa através de um conjunto amplo de valores, atitudes, instituições, disciplinas e movimentos que se descobrem e se re-descobrem continuamente: — o valor da **dignidade da pessoa humana** e proteção do que consiste esta dignidade, valor da **qualidade de vida** em oposição puramente quantitativa em termos de ser e poder que se abre a uma nova e renovadora relação com o tempo e o espaço, construindo na nossa sociedade de homens, uma nova dimensão de justiça social.

Esta renovação ética pressupõe um conceito de desenvolvimento diferente: — um desenvolvimento que insiste sobre o primado do ser em relação ao ter, evita energicamente reduzir o bem unicamente ao bem econômico, não sendo seu objetivo a multiplicação cega das necessidades e dos bens superficiais, visando a valorização do ser, conduzindo o homem a ser livre, e só o conseguirá estabelecendo os fundamentos desse mesmo desenvolvimento, opostos às bases cegamente preconizados pelo anti-desenvolvimento que tem como única e exclusiva mira, o ter cada vez mais!

NOTAS

- (1) FRIEDMANN, Georges, **7 estudos sobre o homem e a técnica**, ed. Difusão Européia do Livro, SP, 1968, p. 13.
- (2) ARON, Raymond, **Les désillusions du progrès**, ed. Calman-Lévy, Paris, 1969, p. 53.
- (3) KOUTLOUKA, Maria E., A filosofia moral e política perante a evolução tecnocientífica, Revista **Reflexão**, Campinas, Instituto de Filosofia, PUCAMP, nº 34, Jan./Abril, 1986.
- (4) LAVELLE, Louis, **Traité des valeurs**, 2 vols. ed. P.U.F., Paris, 1951-55, p. 66.